

ELSINORE

CYNAN JONES



Aquilo

Que

«Há mais matéria para refletir em dez páginas de Cynan Jones do que em cem escritas pela maioria dos outros autores.»

The Los Angeles Review

Encontrei

na Praia

*Para Coram, Alex, Tom,
e para Emlyn Llewelyn, meu irmão.*

Ele dissera: «Eu sou um homem»,
e isso significava certas coisas...
Significava que ele era meio louco, meio deus.

JOHN STEINBECK, *A Pérola*

PRÓLOGO

Viu a costa a afastar-se, as luzes, que se iam acendendo ao final da tarde, a tremeluzirem e depois a perderem intensidade na distância que aumentava.

O homem sentiu-se sem reação, entre o choque e o cansaço.

– O que foi que eu fiz? – perguntou alto.

A toda a volta, apenas um mar cinzento cada vez mais vasto, e a chuva, turvando agora as últimas luzes visíveis.

«Não havia escolha. Tive de fazer aquilo. Não tive escolha.»

Pensou no que fizera.

«Não tive escolha», disse a si mesmo.

Permaneceu no convés durante muito tempo, imóvel, apenas a ver a costa cada vez mais afastada, cada vez mais minúscula. Mas não se livrava daquela pergunta.

«O que é que eu fui fazer?»

Na praia, o subchefe baixou os olhos para corpo. Morgan, o agente mais novo, estava ali com ele, e era a sua primeira vez, a sua estreia a ver algo assim tão cruel.

Faltavam quase todos os dedos numa das mãos e tinha um buraco na cara, um túnel até à nuca.

A maré enchera, e a água salgada chegara ao corpo e fizera o rebordo do ferimento inchar. Ainda era muito cedo, mas os

pássaros já tinham acordado e já lhe faltavam os olhos. Era, de facto, muito duro de se ver.

O homem com cara de coruja saiu do táxi em que acabava de vir até à rampa dos barcos. A pé, desceu a rampa até à praia e chamou o agente mais novo.

O subchefe ergueu o olhar. Não estava com paciência para aquilo.

— Que gaita! Não o deixes vir aqui — disse.

O agente mais novo viu um pequeno caranguejo escapulir-se por baixo do rosto do morto, e isso pareceu perturbar o equilíbrio da cabeça, que se voltou ligeiramente, como se fosse alguém a mover-se no sono. Ver aquilo deixou-o agoniado.

— Mataram alguém, Morgan?

O agente mais novo foi ter com o homem com cara de coruja, que parara junto à fita de delimitação colocada por outro agente. O homem com cara de coruja era curioso e tinha umas feições curiosas.

— Mataram alguém? — tornou a perguntar.

Morgan encolheu os ombros.

— Ainda não sabemos. Não há certezas.

Estava muito pálido e parecia agoniado.

O areal era extenso e curvava ligeiramente, e a espuma fervilhava onde a água vinha esmorecer. Estavam a erguer um resguardo em volta do corpo, e o homem com cara de coruja olhava, a tentar ver tudo o que conseguisse.

— Quando foi que o encontraram? — perguntou.

— Logo cedo. Uma pessoa que andava a passear o cão.

Esse velho, que andava a passear o cão, descrevera como o animal tinha corrido até ao corpo, espantando os pássaros, e a imagem dos pássaros de volta do rosto do morto fez Morgan ficar de novo agoniado.

— Estás mais pálido do que na outra noite, quando eu te levei — disse o taxista com cara de coruja, a tentar fazer conversa.

Naquele momento, apenas conseguia ver as pernas do morto, que pareciam na posição errada. Estavam molhadas, como se a

água as tivesse coberto completamente, e o taxista notou-lhes a flacidez amorfa de coisa morta, não pareciam reais.

— Não há nenhuma explicação? Não tinha documentos? — perguntou.

— Não — o agente tornara a engolir o vômito. — Não. A não ser que o mar os tenha levado. Ou ele pode ter dado à praia. Ainda não temos certezas.

— Então não foi aqui que aconteceu?

— Não sabemos — repetiu o agente.

Lembrou-se dos dedos em falta e do buraco no rosto. Queria voltar para junto do corpo. A verdade era que a proximidade ao corpo tornava as coisas mais fáceis, encarava-o como uma evidência grave. De certa forma, o corpo tinha algo de irreal, mas também de factual, parecia mais morto, e isso ajudava-o a lidar com a situação. O subchefe chamou o jovem agente.

— Eu não devia estar a falar consigo — disse Morgan ao homem com cara de coruja. A sua atitude tornou-se mais formal. — De momento, não lhe posso facultar qualquer informação. Vou ter de lhe pedir que abandone o local do crime.

Entretanto, já outros tinham estacionado e vinham a descer a rampa até à praia. Todos de branco. Eram os médicos-legistas. A praia tinha qualquer coisa de estranho, parecia ter já sido um lugar de muito movimento, num passado distante. E depois fora abandonada, preterida.

— Então não sabem quem é? — perguntou o homem com cara de coruja.

O agente mais novo já se voltara para regressar para junto do corpo.

— Não.

Não lhe saía da cabeça a imagem das gaiotas de volta do rosto do morto.

— Ainda não fazemos ideia de quem ele seja.

Longe dali, a umas horas de caminho, a mulher abriu o envelope e, assim que viu o conteúdo, sentiu um alívio esmagador e terrível, por ter a resposta ali, por ser tão definitiva, e então a emoção veio como uma enxurrada e arrastou tudo o mais.

PRIMEIRA PARTE

Nesta altura do ano, o Sol parecia pôr-se muito depressa e, ao incidir nos portões do matadouro, a luz era feia.

Grzegorz estava ali à espera com um grupo de outros homens. Acabara o turno há instantes, e ainda tinha sangue seco nas unhas, e o cheiro daquele lugar entranhado em si. Estar cá fora parecia ter renovado a sua percepção daquele cheiro, como se o sentisse pela primeira vez. Estava um frio revigorante, mas não de gelar. Era como se não tivesse saído de lá de dentro. Estava cansado. Fazia frio. Como na Polónia.

Viu como a luz ia descendo pelos portões de zinco e depois aceitou o cigarro que o amigo lhe ofereceu. Fumaram os dois, como os outros já estavam a fazer, todos à espera do minibus e a verem os camiões entrarem na fábrica. Eram oito, e, de vez em quando, soprava uma rajada que trazia até ali o fedor da unidade de incineração. Estava a arrefecer rapidamente. Ainda se estava nessa época.

O minibus chegou. O condutor parou do outro lado da estrada, buzinou duas vezes e, todos eles ainda a fumar, entraram. O minibus parecia pequeno para os oito homens mais o condutor. O condutor aconselhou-os a porem-se confortáveis. Que a viagem ia durar pelo menos uma hora.

Grzegorz ainda estava irritado com a discussão. Hoje tivera outra. Não sabia porquê, mas o facto era que o seu chefe andava a fazer-lhe a vida difícil. E ele estava farto disso. Julgara que, ao vir-se embora da Polónia, não tornaria a passar por coisas assim.

«São eles a quererem-te de cabeça baixa, mais nada», pensou. «Querem-te assustado. Para obedeceres sem dar chatices. Como as vacas na fila para levarem o choque, obedientes e estúpidas, como se, desde o começo, o desfecho nunca pudesse ter sido outro. Pois, para mim, isso acabou. Se há uma oportunidade, há que aproveitá-la.»

Alguns homens puseram-se a jogar às cartas e iam passando uma garrafa de qualquer coisa caseira. Grzegorz bebeu um trago. Era um líquido alaranjado, malfeito e que ardia horrivelmente na garganta. Naquela trepidação constante, instalara-se uma estranha camaradagem entre eles. Grzegorz recordou os tempos na Polónia e como, em miúdo, fora escolhido para a equipa de futebol da aldeia; antes dos jogos, havia sempre boa disposição, mas parecia forçada, como se a querer esconder os nervos.

Baixou os olhos para o telemóvel e pôs-se a ver as fotos de Ana e dos dois filhos rapazes. Pensou no dinheiro que ia ganhar, para tudo o que daria ali, mais ainda na Polónia. «É por eles», pensou. «Isto pode mudar a vida deles.» Ficou a olhar para a foto da mulher durante muito tempo.

— O que é que lhe disseste? — perguntou-lhe o amigo, acenando na direção do telemóvel com um aceno.

Grzegorz deu-se conta de que, por momentos, estivera longe dali, como se o barulho e a trepidação do minibus não existissem.

— Disse-lhe que ia fazer três turnos — respondeu, fazendo a foto desaparecer do ecrã.

O amigo anuiu.

— Também eu — respondeu depois. Remexeu no saco que trazia. — Vê só a quantidade de sandes que ela me fez.

Os homens riram-se e puseram-se a comer as sandes, a fumar e a beber. Lá fora, pelas janelas do minibus em andamento, a última luz do dia teimava em desaparecer, nem parecia natural.

Riam e bebiam todos, mas, à medida que o trajeto se fazia, Grzegorz pensava na praia, naquele longo areal plano e na sensação de paz quando ia para lá apanhar berbigão. Jamais teria dinheiro para uma propriedade, mas a praia era de todos, portanto, podia aproveitar o que lá havia. Se não podia ter uma quinta, era a segunda melhor opção. Era apenas uma questão de se organizar.

Levaram mais de uma hora até que chegaram ao cais e, aliviados, desceram do minibus. A disposição mudara.

Um tipo veio do hangar e falou-lhes em polaco, e então os oito entraram ali.

Grzegorz lembrou-se do que o amigo dissera: «É só a parte do barco que é mais complicada, mas é simples. É como conduzir uma charrua. É a única parte que pode ser um bocadinho difícil.»

De pé com os outros, Grzegorz ouvia um homem, que se dirigia a eles sentado a uma secretária bizarra, sendo o único objeto existente naquele hangar vazio. Grzegorz continuava a mal falar inglês e percebeu muito pouco do que lhes ia sendo dito, mas o polaco que lhes falara lá fora foi traduzindo alto. Tinha a cabeça rapada, um ar abrutalhado e falava meio aos berros. Parecia um *hooligan*. Grzegorz teve a sensação de irrealidade, um medo novo e vazio diante da ideia de um mar negro como o que viram pelas janelas do minibus. Antes de entrarem ali, perguntaram-lhes, uma única vez e de forma direta, se queriam recuar.

— Se entrarem ali, é para irem até ao fim — avisou o polaco.
— Se recuarem, sofrerão as consequências.

Ninguém recuou. Os homens avançaram individualmente até à secretária, mostraram a identificação ao homem que se sentava atrás dela, e ele ia aceitando os passaportes e demais identificações com uns estranhos modos formais; ia guardando tudo aquilo num cofre portátil.

— Quando voltarem, devolvemo-los — explicou.

De cada vez que um deles avançava até à secretária, o homem ali sentado mostrava-lhes uma folha. E, quando cada um desses homens, que avançara até à secretária, tornava a afastar-se, dera-se nele uma mudança visível.

O *skinhead* pusera-se junto à secretária, longe da luz. Inquietante, como um necrófago. Grzegorz, mais do que o ver, sentia-lhe a presença, e subiu-lhe a bílis à garganta ante a irreversibilidade disto que estava a fazer. Por um momento, sentiu novamente o sabor dessa aguardente horrível, mas engoliu-o. Era como a náusea que sentia em miúdo antes de saltar da ponte para as águas frias do rio que existia ao pé da quinta dos avós. Era um dos mais novos que para lá iam nadar, e os outros obrigavam-no sempre a ser o primeiro a saltar. Ali no hangar, engoliu o medo, tal como em pequeno; encheu-se com essa determinação infantil de fazer uma coisa perigosa e estúpida. Ia fazer aquilo porquê? Porque queria ser alguém.

Grzegorz avançou, entregou o passaporte ao homem, e depois ergueu o olhar para o *skinhead* e tentou esconder os nervos que se haviam apoderado dele.

O homem examinou o contorno da águia no passaporte, leu o nome lá dentro, e depois o seu dedo foi descendo por uma lista que tinha à sua frente, tudo isto com uns modos de procedimento oficial que resultavam surreais. Então, puxou de uma fotografia e mostrou-a a Grzegorz. Era a mulher dele a empurrar o carrinho de bebé. Grzegorz sentiu a náusea a regressar, agora mais forte.

O *skinhead* polaco fazia de tradutor:

— Sabes conduzir um barco?

Grzegorz assentiu, entorpecido.

— Sim, sei conduzir um barco.

Sentado numa caixa virada ao contrário e com a faca na mão, Hold retirou a espinha dorsal do peixe. O barco ia oscilando, sacudido pela ondulação. Pousou o peixe na tábua, fez um corte atrás das guelras, enfiou por ali a faca e, com firmeza, foi cortando rente à espinha até retirar o lombo inteiro. Intacto, salvo aquele pedaço em falta, o peixe parecia vivo, de tão fresco que estava.

Hold tirou as espinhas finas que tinham vindo agarradas ao lombo e lançou-as à água. Tirou-lhe a pele, que também lançou à água. Cortou o lombo em pedacinhos, agarrando-os, um por um, e comendo-os com leite, mastigando, saboreando.

Estava aquele calor indeciso do começo da primavera, e como a brisa fresca não conseguia entrar no barco, voltado na água daquela maneira, o interior estava morno, uma das primeiras vezes que se sentia aquecido desde o começo do ano.

Comeu o peixe, depois levantou-se e foi até ao fogão do barco, agarrou na cafeteira a ferver, fez café bem forte e voltou a sentar-se na caixa virada ao contrário, naquele estranho calor fabricado, e sentiu o barco a subir ligeiramente, a água a erguê-lo.

Observou a faca, depois limpou-a nas calças, sentiu-lhe a ponta com o polegar, depois passou a lâmina pelo braço e ergueu o olhar para as escarpas e para as gaivotas de penugem pálida que descreviam círculos à sua volta.

Danny morrera há três anos e deixara-lhe aquela faca. E ele aceitara-a, mas, no íntimo, sentia ser tão-só o seu depositário; a faca era de Jake, e ele dar-lha-ia logo que o pequeno tivesse idade.

Era como se tivesse de continuar a usar a faca para continuar a sentir a presença do amigo. Mas dá-la-ia a Jake. Isso ficara logo decidido. Assim que Jake, o filho de Danny, fosse mais crescido, dar-lhe-ia a faca.

Quando Grzegorz trouxe o filho recém-nascido da maternidade, houve festa. A tradicional fita vermelha que lhe fora dada ao ir para a maternidade no táxi já estava atada com um lacinho ao pulso do bebé. Todos quiseram pegar no seu filho recém-nascido e foi um pouco como se estivesse a entregá-lo a uma gigantesca família adotiva.

Parou à porta por um momento, como se para recuperar o fôlego, e deixou que a mulher entrasse com o bebé e que recebesse as primeiras felicitações. «Não está certo», pensou Grzegorz. «Não está certo trazer um filho para aqui. Ele devia ter uma casa a sério, um lugar melhor do que este.» Parado à porta daquela casa deprimente, leu, apático, as letras pintadas sem arte alguma no muro rachado ali em frente. «Polacos fora.»

Imaginou o filho a dar ali os primeiros passos, a dizer ali as primeiras palavras. «Não», pensou para consigo. «Por agora, não faz mal; ele é muito pequeno, não se vai lembrar. Mas tenho de nos tirar daqui antes que ele cresça, antes que ele comece a andar. Quero que ele dê os primeiros passos à volta de uma mesa que seja nossa. Só nossa. Quero que tenha um quarto só dele e do irmão. Não vim para cá para isto.» Sentia um estranho alívio exausto, uma alegria, um vazio.

Subiu as escadas. O filho estava nos braços largos e maternais de uma das corpulentas mulheres mais velhas, e então ele viu como a sua mulher estava cansada, hesitante, como se tudo lhes estivesse a fugir das mãos. «Aquela devia ser a minha avó com o meu filho recém-nascido nos braços.» Olhou para a mulher, que o olhou de volta. Fascinado, observou-lhe o ventre, estranhamente desinchado depois de tantos meses tão redondo. Ela parecia uma criança ao lado daquela mulher larga e gorda. «Devia ser uma ocasião mais feliz», ocorreu-lhe. «Devíamos estar mais felizes.» Lembrou-se daquele momento humilhante, horrível, quando as águas rebentaram ali, naquela divisão cheia gente.

Entrou um homem e pousou três patos na mesa. Grzegorz observou-os, assustados e mal reagindo, o lodo entranhado nas suas penas coloridas. Viu-lhes as patas de um laranja intenso e perguntou-se, sem especial interesse, onde fora aquele homem arranjar patos selvagens. Depois o homem pousou as garrafas, e então gerou-se subitamente grande atividade, copos a serem pousados, os patos a serem levados.

No começo, a casa era sempre assim, reinava uma energia vibrante. Parecia haver sempre uma festa prestes a começar, uma grande celebração para a qual se juntava toda a família. Todos eles estavam ali para o mesmo. Tinham vindo em dois autocarros, a agência arranjava trabalho para os homens. Depois, impusera-se o peso da realidade.

Grzegorz nunca imaginara que ficariam ali tanto tempo, atolados, suspensos naquela terra de ninguém, entre a Polónia e o novo mundo que tinham imaginado, onde tudo seria perfeito. Já fazia mais de um ano. A notícia do bebé, fruto dessa nova energia vibrante dos primeiros tempos, fora um acontecimento, parecera-lhes um sinal de que tudo agora era diferente, de que tudo mudara, mas, entretanto, deixara de ser motivo de celebração para se tornar em mais um peso. Grzegorz acreditara numa visão daquele país que afinal não existia. Enervava-o a monotonia dos edifícios, a fadiga que permeava toda aquela zona, as lojas pardacentas com letreiros avariados. Nada disso batia certo com o que ele imaginara. Havia algo em falta e isso inquietava-o, mas, estranhamente, não conseguia identificar o quê.

Esta família accidental, que o rodeava, enchia-o de um medo exausto e encurralado, mas, ao mesmo tempo, motivava-lhe uma tremenda e, de certa forma, desesperada gratidão. «São boas pessoas; estamos todos no mesmo barco», pensou. «Continuamos dependentes da agência, todos nós; é como se eles nos tivessem na mão.» Houvera uma interrupção, tinham ficado três semanas parados,

por isso ele não completara doze meses de jornada contínua, o que lhe teria permitido candidatar-se ao apoio social, pelo que ainda não podia sair dali da casa, ainda não conseguira juntar dinheiro para isso. Falava-se que aquela paragem fora obra da agência, para eles não terem escolha senão aceitar o trabalho e os descontos nos cheques de pagamento — a renda, o transporte alugado que os levava para o trabalho e a limpeza da casa, embora nenhum deles alguma vez tivesse visto por ali uma mulher a dias. «Mas isso é tudo conversa», pensou Grzegorz. «Cada um é responsável por si.»

Deram-lhe um copo para as mãos, e ele bebeu um gole demorado. «Há que seguir em frente», pensou. «Achamos que não temos escolha. Mas isto é a terra das oportunidades. Não podemos passar a vida a culpar a situação. Há que dar passos.» Olhou em volta, à procura da mulher. Saíra da sala. O bebé continuava nos braços da mulher mais velha.

O primeiro torpor do álcool limou as arestas da apreensão. «Será que fiz as escolhas erradas?», pensou. «Mas não podíamos ter ficado. Não tínhamos como lá ficar.» Com o filho recém-nascido nos braços, bebeu. O seu outro filho, um menino mais crescido, estava muito calado e parecia estranhamente deslocado, confuso com a atenção de que ia sendo alvo, como se o quisessem consolar. Apontaram-lhe o bebé e disseram-lhe:

— Aqui, tens de lhe chamar «irmão». Não podes chamar-lhe *brat*¹, como na Polónia. Isso aqui quer dizer outra coisa — riram todos. — Habitua-te a chamar-lhe «irmão». Já não estás na Polónia!

Ele não percebeu; além disso, estava sobressaltado com toda aquela atividade na cozinha. Deixou-se ficar muito calado, metido consigo. Observando-o, Grzegorz recordou como fora o primeiro aniversário do filho.

¹ *Brat*, polaco para «irmão», tem um significado depreciativo em inglês, refere-se a uma criança (ou jovem) mimada, malcomportada, desagradável. [N. do T.]

Nesse dia, sentaram-no na alcatifa e, em seu redor, colocaram as coisas como mandava a tradição: um livro, uma nota do banco, o rosário da irmã da sua mulher e um copo de vodca, o *kieliszek* – todos esses objetos à mesma distância da criança. E aguardaram, a fazerem que não levavam aquilo a sério, porém com aquela estranha convicção de que a superstição sempre traz, todos à espera de ver qual dos objetos o menino agarrava primeiro. Se iria ser um intelectual, um homem de negócios, padre ou um bêbado.

– Claro que se pode ser os quatro ao mesmo tempo! – disse o amigo dele. Isto fez todos rirem. – Basta ter quatro mãos!

O filho agarrou no livro. «Mau sinal», pensou Grzegorz. Era uma área de que ele nada entendia. Nesse campo, não poderia ajudar o filho.

As mulheres estavam a estender a massa para os *pierogi*, os tradicionais pastelinhos, cortando círculos de massa com um copo, pondo o recheio, dobrando-os e fazendo o recortado à volta. Algumas das outras crianças iam ajudando, e uma longa fila de embrulhos começou a ganhar forma.

Então, as mulheres passaram aos patos; o sangue foi vertido para chávenas, e a cozinha ficou empestada ao ser queimada a última penugem de cada um num bico do fogão. Pairava um fedor acre. E o menino via tudo isto sem desviar os olhos. Grzegorz viu a pele de cada pato retesar sob a chama, a penugem a desidratar e a ficar carbonizada, e as mãos gordas e macias das mulheres a limparem-na. Baixou os olhos para o filho recém-nascido, para o lacinho vermelho no seu pulso, depois fixou-se no filho mais crescido, parado a olhar enquanto as outras crianças corriam por ali a apanharem as penas arrancadas que, inevitavelmente, se escapavam e, recortadas pela luz, voavam pela cozinha cheia de gente.

O menino observava tudo, de olhos arregalados. Ocorreu a Grzegorz que, ele, decerto, teria pelo menos uma vaga recordação da quinta, da mesa grande e do teto baixo. Ou do cheiro morno

e leitoso daquela idosa de modos brandos que, na cabeça dele, já se ia confundindo com as matronas ali daquela casa, reduzindo-se à mera suspeita de que, outrora, conhecera alguém especial. A Polónia tornar-se-ia numa coisa estranha para ele, apenas uma ideia vaga que talvez acabasse por se desvanecer e não ser mais do que um facto histórico quando ele fosse adulto. Por agora, rodeado de polacos como estava, ainda nada mudara realmente para o menino. Mas o caso era que ele não tinha nada em que se centrar e, a observá-lo, Grzegorz sentiu que o filho viveria o resto da vida com a impressão de ter sido arrancado de qualquer coisa, sem jamais entender o porquê de sentir isso.

Acenou com a cabeça a uma das mulheres, que pegou no menino e o pôs de pé sobre uma cadeira, e, segurando-se ao balcão, ele ficou a ver o que iam fazendo aos patos por entre tanto barulho e festejos. Viu-as a deitarem vinagre no sangue para que não coagulasse; franziu o nariz ao sentir aquele cheiro intenso e, curioso, mergulhou um dedo no sangue. Depois, viu um dos homens puxar de uma faca de açougue que trazia num saco de desporto e abrir os patos, agora umas estranhas criaturas nuas e reduzidas ao mínimo, para os esquartejar na tábua.

Levando nos braços o filho recém-nascido, Grzegorz saiu da cozinha. Havia sempre gente a mais naquela casa, já de si pequena, mas agora estava a ser sufocante. Parecia trazer no íntimo demasiadas emoções em conflito e não sabia por qual optar. Era como se não conseguisse decidir-se por um sentimento. Tudo aquilo era novidade. Pensou nos olhos arregalados do filho ao ver os patos serem esquartejados. Já não tinha para onde ir descansar com a família, já não havia lugares conhecidos. O primeiro filho tinha isso, e ele fizera a família vir com ele. Mas agora, pelos dois filhos, teria de remediar a situação.

Ainda se sentia meio aturdido. Pensara que, ali, os hospitais seriam muito melhores do que no seu país, mas a realidade

horrorizara-o. Era bem verdade que os aparelhos não eram tão velhos e que os edifícios estavam em melhor estado. Mas não conseguira livrar-se da sensação de estarem a ser tratados como gado, cada um com o seu número e à espera de vez. Não se viam por ali médicos ou enfermeiros. Tudo muito diferente de quando nascera o primeiro filho. Aí, pelo menos, havia sempre alguém por perto para ajudar. E ele sabia como funcionava. Dentro do possível, tinham posto de parte algum dinheiro e, ao chegarem ao hospital, ele pagou às pessoas certas, porque assim teriam a atenção necessária e alguém sempre disponível para ajudar. Quem quer, tem de pagar. Mas, ali, pairava algo de impessoal a que ele não era capaz de se habituar. Horrorizou-o aquela enfermaria, que mais parecia um curral, e tentou pagar a uma enfermeira para arranjar um quarto à sua mulher, fosse onde fosse, ele só queria algum sítio onde pudessem estar sem gente à volta durante as primeiras horas de vida do seu filho recém-nascido, antes de regressarem à casa. Mas a enfermeira limitou-se a olhá-lo, perplexa, e o inglês dele não lhe permitiu explicar.

No quarto das mulheres, deitou-se ao lado da mulher. Ela estava exausta, parecia no limite. Chegou até ali o aroma do caldo a ser preparado na cozinha no piso de baixo e escutava-se um fervilhar de festejos a ganharem embalo. Os outros deixaram-nos em paz, deram-lhes algum tempo. E eles ficaram gratos por isso. Primeiro fora o hospital cheio de gente, agora era a casa cheia de gente. E eles só queriam algum espaço para si, para se habituarem à ideia daquele acontecimento extraordinário.

Grzegorz baixou os olhos para a coisinha encantadora que era o seu filho e encheu-se de um estranho e terrível orgulho. O bebé estendeu os braços e começou a chorar. E, por alguma razão, ele teve a ilusão de que era Natal, porque agora cheirava a pimenta-da-jamaica e a cravinho, e o aroma do caldo ia ficando mais intenso. Pareceu-lhe que estava a ver os patos na mão do seu avô,

viu nitidamente toda aquela planura pantanosa. Ainda conseguia descrever ao pormenor a preciosa latinha onde a avó guardava as especiarias. O bebé gemia baixinho, e a mulher deu-lhe a mama. «São muito simples, as coisas de que precisamos», pensou Grzegorz. «E eu quero dar-lhes essas coisas de que eles precisam.»

Mais perto da costa, Hold trouxe à superfície os cestos do camarão, sem se preocupar com o barco, mais ou menos ancorado pelo peso das cordas dentro de água. Estava a algumas centenas de metros da costa. O sol já permitia ver a praia e era deslumbrante, e ocorreu-lhe que havia algo de mais resoluto na aparência da costa durante os meses mais frios.

O grosso da apanha do camarão fazia-se nos meses mais frios. Esvaziou os cestos para um contentor de plástico, e os camarões iam saltitando e fazendo ruídos ligeiros, e nada explicava que alguns cestos estivessem cheios, enquanto noutros não havia um único camarão. Ele sabia tudo isto, sabia que, tratando-se da pesca, não havia uma média, não havia leis. Conseguia imaginá-los a rondarem o isco, a rodearem o cesto, a apalparem terreno. Tinha de haver algo que os fizesse quererem entrar, havia que encorajá-los; mas, depois que entravam, estava feito. Era uma decisão da qual não havia volta atrás.

Pôs iscos nos cestos onde nada sobrara — arenque e carapau-preto que tinham salgado previamente —, depois pôs o barco em movimento e fez os cestos descerem novamente à água, e agora havia a vibração reconfortante do motor e o barulho dos cestos a submergirem à vez.

Deu uma volta rápida em torno do contentor, agarrando nos camarões mais pequenos e tornando a lançá-los à água e perguntou-se o que sentiriam eles no instante em que se viam

num elemento que lhes era completamente estranho — o ar; içou uns quantos baldes com água do mar, encheu o contentor e cobriu-o. Não acreditava em fazer sofrer desnecessariamente fosse que criatura fosse e não via o que tinha a ganhar deixando os camarões asfixiarem sem se ralar com isso. Era uma crença enraizada nele: nenhuma criatura devia ser morta ou obrigada a sofrer sem motivo. Era por isso que tornava a lançar à água as lagostas que falhavam por pouco o tamanho mínimo de captura, sabendo que elas cresciam muito devagar, e tão pouco caçava o que começasse a escassear, como era o caso das lebres e dos pombos, que ele se lembrava de ver constantemente em miúdo, mas que hoje via muito raramente. Caçava e pescava, sim, mas com um propósito. O sofrimento que causava era inevitável, mas encarava isso como uma tremenda responsabilidade, e esse era um princípio que o guiava. Fazia-o ter respeito pela vida e pelo direito de todas as criaturas a existirem. E parecia-lhe que, de um modo geral, as pessoas se tinham afastado demais dessa noção.

Tornou a descer os cestos e depois foi ver as armadilhas das lagostas; era a primeira vez que as usava desde que a época começara. Na primeira armadilha, estava uma grande lagosta e não era o isco fresco a explicar a sua presença, e, nas outras armadilhas, encontrou santolas, as carapaças cheias de algas e de resíduos; ainda era muito cedo para as santolas e, uma vez mais, nenhum motivo havia que explicasse porque estavam ali. Tirou a lagosta da armadilha e pô-la numa caixa, e depois fez o mesmo com as santolas, cujas carapaças, lembrando castanhas-da-índia, traziam perceves agarrados. Perguntou-se se teria sido uma qualquer perturbação a fazer aparecer aquelas santolas, ainda tão cedo para a época; talvez a culpa fosse das dragas de arrasto que andavam na apanha de bivalves, ou talvez a temperatura da água tivesse subido anormalmente. «Ah», pensou Hold. «Pura e simplesmente, não há regras. Apenas uma: o mar nunca deixa de nos surpreender.»

Na cozinha, o menino ajudou as mulheres a deitarem as especiarias para a panela e depois ficou a vê-las pescarem do caldo os pedaços de pato meio deformados. Tiraram a carne e puseram os miúdos num prato. O menino ia vendo tudo aquilo com uma espécie de nojo fascinado.

— É para a tua mamã — explicaram elas. — Para ela ficar outra vez forte, agora que teve o bebé.

O menino ajudou-as a deitarem os frutos secos na sopa, depois juntaram-lhe as chávenas de sangue escuro e espesso e, aos poucos, a farinha, e o menino viu como a sopa ia engrossando.

Com todos aqueles aromas a subirem ao quarto, mantinha-se a ilusão de ser Natal. Grzegorz tornou a observar o lacinho vermelho no pulso do bebé. Estava a irritá-lo. Era como se o bebé tivesse uma etiqueta com o preço, como se fosse para vender. Teve vontade de lhe tirar aquilo, queria acabar com a ideia de um mau-olhado à solta, do qual tinham de o proteger. Mas faltava-lhe coragem para desafiar a superstição, por um momento que fosse. Há muito que tudo isso lhe fora inculcado. «Não é ser protegido; é ser mantido sob controlo», ocorreu-lhe. «Mas agora tenho mesmo de tentar ganhar mais algum dinheiro. Temos de poupar mais e de arranjar uma casa só para nós.»

Quando o casal voltou à cozinha e viu o menino de pé na cadeira a ajudar as mulheres com a sopa, Grzegorz quase se engasgou com a gratidão que lhe pareceu subir por dentro, vinda nem ele sabia de onde. Inundou-o uma sensação tremenda de que no fim tudo lhes correria bem, de que iam sobreviver a esta etapa e de que em breve seriam felizes. De que isto era apenas um apeadeiro no caminho. Procurou a mão da mulher e apertou-a e, por um momento, foi como se nesse pequeno gesto se concentrasse toda a sua esperança renovada.

Três estranhos, todos eles a quererem alcançar algo mais da vida: um imigrante polaco a lutar pela sua subsistência e da sua família num novo país; um pescador que precisa de cumprir uma promessa feita ao seu melhor amigo; e um criminoso, determinado a recuperar anos perdidos e a, finalmente, reclamar aquilo que lhe é devido. A uni-los, um quilo de cocaína, o mar e uma série de decisões que, uma vez tomadas, os colocam irrevogavelmente a caminho do desastre.

Brutal e verdadeira, esta é a história de três homens presos numa teia de desespero e violência, divididos entre a luta pela sobrevivência, a ambição e o sentido do dever.

«Um romance excelente. Belo e sombrio,
deixa-nos sem fôlego.»

Time Out UK

«Não há dúvida de que Cynan Jones é um
dos mais talentosos escritores da Grã-Bretanha.»

Independent on Sunday

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-48-2  9 789898 864482 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	